

A contemporaneidade da Política Nacional de Museus: um olhar de além-mar

Fórum Nacional de Museus - -A imaginação museal: os caminhos da democracia. Bahia
– 13 de Dezembro de 2004
Relatório Ministério da Cultura Brasil

Mário Moutinho

A Política Nacional de Museus e o agora recém – criado Sistema Brasileiro de Museus são certamente dois marcos fundamentais do pensamento e da prática da museologia contemporânea.

São dois marcos que nasceram no seu tempo, expressando a realidade e os desafios do seu tempo. E isso é muito raro!!!! Deixem-me então apresentar 3 reflexões que podem testemunhar essa raridade e que por isso mesmo, nos obrigam a olhar essas orientações políticas de forma cuidadosa.

- 1- Um novo sentido para o lugar dos museus
- 2- Uma tentação conscientemente rejeitada
- 3- Para uma Crítica da definição do ICOM

1- Um novo sentido para o lugar dos museus

Uma nova política de museus pressupõe naturalmente novas ideias ou pelo menos um novo olhar sobre as ideias que desde há mais de 30 anos percorrem o mundo da museologia

Pois bem, esse novo olhar encontra-se no texto de criação do SBM de forma tão simples que quase se corre o risco de passar por cima sem lhe dar o devido destaque.

Referimo-nos ao momento em que se caracterizam as instituições museológicas como sendo aquelas que disponibilizam acervos e exposições ao público, propiciando, (ou seja têm por objectivo) a ampliação do campo de construção identitária, a percepção crítica da realidade cultural brasileira, o estímulo a produção do conhecimento e a produção de novas oportunidades de lazer;

E mais ainda, aquelas instituições que desenvolvem programas, projectos e acções utilizando o património cultural como recurso educacional e de inclusão social, assumindo assim que este entendimento de património como recurso recentra a relação Museologia/ Património.

Património não aparece mais como um fim em si, mas como instrumento da mudança social.

Aquilo que até agora se projectava nas Declarações de Santiago do Chile (1972), Oaxtepec (1984) e Caracas (1992), por acaso ou sem acaso todas formuladas na América Latina, assume um novo significado quando a essência desses documentos sustenta agora uma nova Política para os Museus do Brasil.

Dizia-se na declaração de Santiago

Que o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na acção, (...) engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais;

E dizia também *Que a transformação das actividades dos museus exige a mudança progressiva da mentalidade dos conservadores e dos responsáveis pelos museus assim como das estruturas das quais eles dependem(...)*

Agora, ao lermos a PNM e a fundamentação do SBM percebemos que estamos declaradamente a falar de “museus para”, deixando para trás os “museus de”.

Declaradamente que estamos a falar de museus que têm por acervos os problemas e os desafios da sociedade brasileira, que buscam o seu lugar num mundo melhor. Mundo esse, que no momento tem por horizonte apenas a globalização do empobrecimento do planeta, as novas guerras da colonização e a pilhagem dos recursos naturais e humanos por todo o lado.

Não creio que haja uma visão do além-mar, pois tanto lá como cá as nossas sociedades dividem-se entre os que estão acomodados e aqueles que não se conformam com os destinos que lhes querem dar.

Declaradamente que estamos a alargar o âmbito da intervenção museal para além do trabalho de colectar, conservar e divulgar as colecções que recheiam a maioria dos museus.

No entanto trabalhar com problemas é bem mais complexo que trabalhar com objectos, raros ou correntes, caros ou baratos, pilhados ou oferecidos.

Por isso esta nova definição obriga renovar das programações dos museus, renovar das mentalidades dos museólogos, renovar os perfis de formação e de competências humanas e profissionais dos envolvidos no mundo da museologia.

Aquilo pois, que poderia caracterizar os museus brasileiros, não seria mais a importância dos seus acervos, e sobretudo apenas a importância dos seus acervos mas sobretudo os programas projectos e acções utilizando no seu todo o Patrimônio (como é sua especificidade) como recurso educacional e de inclusão social.

Por outras palavras a modernidade dos museus brasileiros deverá ser aferida pela sua capacidade de intervir com substancia nos desafios que se vieram acumulando na sociedade brasileira .

- Qual o papel dos museus na defesa dos direitos humanos?
- Qual o papel dos museus pela alfabetização e sucesso escolar
- Qual o papel dos museus contra a violência domestica
- Qual o papel dos museus na luta contra o HIV
- Qual o papel dos museus na relação do Brasil com o FMI
- Qual o papel dos museus no programa Fome Zero?
- Qual o papel dos museus reativamente à invasão do Iraque
- Qual o papel dos museus relativamente aos recursos naturais e às

questões da sustentabilidade

A lista de desafios não tem fim.

A lista de desafios também não é exclusiva do Brasil. Antes pelo contrário, pode sustentar a actividade dos museus por todo o planeta inclusive nos Países usurários, onde as desigualdades o desemprego e o analfabetismo marginalizam cada dia novos sectores das sociedades.

2- Uma tentação conscientemente rejeitada

Acrescente-se também que o SBM não caiu na tentação do exercício do poder que lhe daria o arbítrio da exclusão. E nos tempos que correm isso também é muito raro.

Por isso não basta apenas fazer alusão, não basta subentender.

Por isso é necessário dizer claramente que para lá dos museus formais é essencial a participação das organizações sociais, dos museus comunitários, dos ecomuseus e dos grupos étnicos e culturais que mantenham ou estejam desenvolvendo projectos museológicos;

Também se reconhece o lugar ds escolas e das universidades oficialmente reconhecidas pelo Ministério da Educação que mantenham cursos relativos ao campo museológico; e enfim de outras entidades organizadas vinculadas ao sector museológico

E esse passo era essencial por necessidade de coerência.

A museologia como recurso para a inclusão social, só o será se for obra aberta a todos, (de diferentes formas, feitios ou cores), para quem a luta pela dignidade humana é o objectivo e destino de vida.

Não é por acaso que o documento que lançou a PNM e que foi fruto de um amplo e rico debate que atravessou vários sectores da sociedade brasileira introduz da forma mais realista possível a urgência de repensar as questões de formação.

3- Para uma Critica da definição do ICOM

Quanta riqueza de ideias em tão poucas linhas, sobretudo se as compararmos com a definição do ICOM, a qual persiste em salientar o mais elementar, o obvio e aquilo que decorre da simples classificação. Reconhecendo no entanto a importância que essa definição tem tido no desenvolvimento da museologia em geral.

Mas na verdade, a definição do ICOM ao acentuar que a acção dos museus se centra sobre os testemunhos materiais do homem (expressão que manifesta uma forma de atavismo que confunde a humanidade no seu todo com o género masculino) reconhece implicitamente que o essencial dos museus são as suas colecções, os seus objectos. E são estas que definem em última instância o acto expositivo de cada museu.

Por outro lado, a definição do SBM ao caracterizar as instituições através dos objectivos que a elas são conferidos, abre as portas para a reorganização dessas instituições.

É tempo de rever o documento do ICOM à luz do trabalho e da reflexão museológica que tem sido desenvolvida no Brasil nestes últimos meses, sem esquecer naturalmente todo o pensamento autónomo e crítico desenvolvido em particular nos últimos 30 anos.

Trata-se de duas posturas essencialmente diferentes

Por um lado, a definição do consenso e por outro lado, uma proposta voltada para os desafios e para a mudança social.

4- Em forma de conclusão

No último quartel do século XX as práticas museológicas e os conceitos que lhes estão ligados sofreram alterações profundas. Este processo procurou adaptar as instituições museológicas às mutações da própria sociedade sempre no sentido de levar os museus a participarem activamente no âmbito das sociedades que lhes davam e dão vida.

Isto não significa que todos os museus tenham sido sempre sensíveis aos contextos de mudança, pelo que hoje encontramos museus que se auto-excluíram dos processos de participação e na verdade vegetam lamentavelmente sem que neles se vislumbre o exercício de qualquer utilidade para com o resto da sociedade.

São museus alheios ao desenvolvimento, sorvedoiros de recursos financeiros, fechados sobre as suas colecções que na maior parte dos casos se deterioram ao ritmo dos anos.

Por isso, esses museus, reduzem geralmente a sua actividade à manutenção de uma exposição permanente sem ideias, sem rumo, de puro exibicionismo como diria Hugues de Varine e que por isso mesmo, envelhecem ainda mais rapidamente.

Não tenhamos ilusões. !!!!!

A museologia, tal como pensada nesses dois importantes documentos é grande demais para ser deixada apenas aos museus formais.

Essa museologia faz parte da “alfabetização para todos” do séc. XXI.

Por isso a PNM no seu todo tem a qualidade de interpelar a sociedade brasileira e a comunidade internacional para a necessidade de enveredarmos por novos rumos.

E esses rumos passam pelo direito de participação e de decisão aberto a todos.

E esses rumos passam pela reorganização dos Grandes museus certamente, mas também e, sobretudo, pelo reconhecimento dos pequenos museus, que nasceram e nascem das consciências dos cidadãos, da sua vontade de criar, de organizarem, de intervir no lugar onde vivem e onde trabalham.

São museus que manifestam a relação do dia-a-dia de cada um, com a memória, com o esquecimento, com o património, com a vontade de assumir o direito de cidadania e de querer mudar o mundo.

Muito Obrigado

1] Professor e Coordenador da área de Museologia na Universidade Lusófona –
ULHT - Portugal